

Lassalle e o Socialismo de Estado*

Hal Draper

Com muita frequência se apresenta o verdadeiro modelo da social-democracia moderna, o Partido Social-Democrata Alemão, como se tivesse se desenvolvido a partir de uma base marxista. Isto é um mito a mais nas histórias do socialismo existente. O impacto de Marx foi forte, inclusive sobre alguns dos líderes social-democratas, durante um certo tempo. Porém, a política que penetrou e finalmente impregnou o partido procede, fundamentalmente, de outras fontes. Uma dessas fontes foi Lassalle, fundador do socialismo alemão como um movimento organizado (1863); a outra foram os fabianos britânicos, que inspiraram o “revisionismo” de Eduard Bernstein.

Ferdinand Lassalle é o protótipo do *socialista de estado*, isto é, alguém que se propõe alcançar o socialismo como um presente do estado existente. Ele não foi o primeiro exemplo proeminente dessa concepção (Louis Blanc o antecedeu), porém, em seu caso, o estado existente era o do Kaiser sob Bismarck.

O estado, dizia Lassalle aos trabalhadores, é algo “que pode realizar por cada um de nós aquelas coisas que ninguém poderia conseguir por si mesmo”. Marx ensinava exatamente o oposto: a classe operária deve conseguir sua emancipação por si mesma e abolir nesse processo o estado existente. Eduard Bernstein tinha razão quando dizia que Lassalle “criou um verdadeiro culto ao estado”.

“Eu defendo convosco o imemorial fogo original de toda civilização, o Estado, contra estes bárbaros modernos (a burguesia liberal”, disse Lassalle diante do tribunal prussiano. Isto é o que faz Marx e Lassalle serem “fundamentalmente opostos”, assinala o biógrafo de Lassalle, Footman, deixando claro o pró-prussianismo – o nacionalismo pró-prussiano e o imperialismo pró-prussiano – de Lassalle.

* Tradução de Nildo Viana.

Lassalle organizou este primeiro movimento socialista alemão como sua ditadura pessoal. Muito conscientemente, ele tratou sua construção, desde o primeiro momento, como a de *um movimento de massas desde baixo para conseguir um socialismo desde cima* (recordemos o aríete de Saint-Simon)¹. O objetivo era convencer Bismarck para que fizesse concessões, especialmente o sufrágio universal, base sobre a qual um movimento parlamentar dirigido por Lassalle poderia chegar a ser um aliado de massas do estado bismarckiano em uma coalizão contra a burguesia liberal. Com este objetivo, Lassalle pretendia realmente negociar com o “chanceler de ferro”. Lassalle enviou a Bismarck os estatutos ditatoriais de sua organização, apresentados como “a constituição de meu reino que talvez invejará”. Diz, adiante:

Porém, este protótipo não será suficiente para mostrar em que medida é certo que a classe trabalhadora sente uma inclinação instintiva para um ditador, se não for anteriormente persuadida adequadamente de que a ditadura seria exercida em seu próprio interesse; e também em que medida, apesar de todas as opiniões republicanas – ou melhor, precisamente por causa delas – poderia, portanto, inclinar-se, como eu disse recentemente, a ver à Coroa, em oposição ao egoísmo da sociedade burguesa, como representante natural da ditadura social, se a Coroa, por sua parte, pudesse alguma vez adequar sua mentalidade para dar o passo – na verdade improvável – de por em marcha uma linha realmente revolucionária e de transformar-se a si mesma da monarquia das ordens privilegiadas à monarquia popular social e revolucionária.

Apesar desta carta secreta não ser conhecida nessa época, Marx compreendeu perfeitamente a natureza do lassallismo. Ele, pessoalmente, chamou Lassalle de “bonapartista”, e escreveu que “sua atitude é a do futuro ditador dos operários” e denominava a tendência de Lassalle como “socialismo do governo real prussiano”, denunciando sua “aliança com os oponentes absolutistas e feudais contra a burguesia”.

“Ao invés do processo revolucionário de transformação da sociedade”, escreve Marx, Lassalle imagina a instauração do socialismo “a partir da ‘ajuda estatal’, outorgada às sociedades cooperativistas de produtores, criadas pelo estado, não pelos

¹ Aríete é uma máquina de guerra usada nas sociedades escravista e feudal para abrir brechas em muralhas ou portões de castelos e povoações fortificadas. Saint-Simon, na última fase do seu pensamento, propunha uma sociedade planejada comandada por planejadores saint-simonistas e a população, nesse caso, funcionaria como aríete, ou “bucha de canhão”, nas mãos dos planejadores. Essa é uma concepção burocrática típica daqueles que propõem a tomada do poder estatal com apoio popular, o que será desenvolvido pelo bolchevismo em suas diversas vertentes, especialmente o leninismo ortodoxo e o maoísmo (Nota do Tradutor).

trabalhadores”. Marx ridicularizava isso. “Porém, no que diz respeito às atuais cooperativas, elas somente tem valor na medida em que são criações independentes dos trabalhadores e não protegidas pelo estado ou pela burguesia”. Esta é uma clássica exposição do significado da palavra independente como a pedra de toque do socialismo desde baixo contra o socialismo de estado^A.

Existe um exemplo muito instrutivo do que ocorre quando um típico acadêmico americano antimarxista como Mayo se depara com este aspecto do pensamento de Marx. Mayo², em *Democracia e Marxismo* (depois revista com o título de *Introdução à Teoria Marxista*), demonstra comodamente que o marxismo é antidemocrático pelo simples expediente de definir o marxismo como a “ortodoxia de Moscou”. Porém, ao menos aparentemente, leu Marx, e se dá conta de que em nenhuma parte, em quilômetros de papel escrito e em sua longa vida, Marx dá sinais de querer mais poder para o estado, muito pelo contrário. Ele percebe que Marx não era um “estatista”.

A crítica mais popular dirigida contra o marxismo é que ele tende a se degenerar em uma forma de “estatismo”. À primeira vista [ou seja, leitura], a crítica parece equivocada, pois a virtude da teoria política de marx... é a total ausência de qualquer glorificação do estado.

Esta descoberta oferece um notável desafio aos críticos de Marx, que evidentemente sabem, de antemão, que o marxismo *deve* glorificar o estado. Mayo resolve a dificuldade com duas afirmações: 1) “o estatismo está implícito nas exigências de uma planificação total...”; 2) ver o que se passa na Rússia. Porém, Marx não fez nenhum fetiche da “planificação total”. Ele foi frequentemente denunciado (por outros

^A A ideia, defendida por Draper, de “socialismo desde baixo”, em contraposição ao “socialismo desde cima” ou “estatal” é problemática por sua pobreza conceitual e poder criar confusão. A origem do processo revolucionário, do proletariado e outras classes exploradas que lhe apoiam, pode permitir pensar em “desde baixo”, mas é impreciso e não acrescenta muito à compreensão das características essenciais desse processo, ou seja, a autogestão das lutas e autoemancipação proletária, que desemboca na autogestão social. Dizer que o socialismo começa “desde baixo” não revela sua essência e esse discurso pode ser apropriado por qualquer um, e efetivamente, o leninismo e o maóismo não se cansam de apelar para as “massas”, tal como Saint-Simon, e por isso é preciso deixar claro que a questão é como e o que se cria, a autogestão, e não termos abstratos e que pouco explicam. Por outro lado, a ideia de um “socialismo” que venha “desde cima” confunde as coisas, pois nesse caso não há nada de socialismo. Da mesma forma, “socialismo de estado” é outra expressão equivocada, pois trata-se de um capitalismo estatal (RMA).

² Trata-se de Henry Bertram Mayo, cientista político canadense (Nota do tradutor).

críticos) por não haver desenhado um protótipo de socialismo, precisamente pela mesma causa pela qual reagiu tão violentamente contra o “planificacionismo” utópico ou a planificação desde cima de seus predecessores. O “planificacionismo” é precisamente a concepção do socialismo que Marx deseja destruir. O socialismo deve abarcar planificação, mas a “planificação total” não é o mesmo que socialismo, exatamente da mesma forma que qualquer idiota pode ser um professor, mas nem todo professor é, necessariamente, um idiota.